



## **Das dicotomias ocidentais a “Outras Histórias”: Por uma Antropologia Simétrica**

Mateus Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>  
Marcela Santander<sup>2</sup>

GOLDMAN, Marcio (org.). *Outras histórias: Ensaio sobre a composição de mundos na América e na África*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras. 2021. 360p.

*Outras Histórias: Ensaio sobre a composição de mundos na América e na África*, organizados em livro por Marcio Goldman e publicado em 2021, originaram-se do projeto de pesquisa acerca de relações afroindígenas, financiado pelo CNPq entre os anos de 2017 e 2020 e resulta de um trabalho coletivo desenvolvido desde 2005 no contexto do PPGAS do Museu Nacional na UFRJ. São quinze artigos de diferentes antropólogos, frutos de etnografias em grupos religiosos, culturais e/ou sociais na América do Sul, nomeadamente Colômbia, Peru e Brasil (do sul ao norte do país), além de países das duas costas africanas, Cabo Verde e Moçambique. O projeto propôs investigar e analisar etnograficamente práticas e discursos que colocam em questão dois grandes temas que entrelaçam os estudos sociais e as concepções de nação herdadas da colonização (principalmente a portuguesa): os fenômenos de contato e mistura em geral, denominados mestiçagem e sincretismo.

Para isso, boa parte dos textos de *Outras Histórias* se iniciam através da crítica a essas duas noções, tendo em vista que elas guardam em si a ideia de que as misturas de raças produziram as identidades nacionais do Brasil e dos países lusófonos da África. Este esquema fez uso do entrelaçamento étnico-racial: tratava-se de uma ideia de mestiçagem composta pela raça como elemento biológico/natural, atrelada ao sincretismo religioso, como fator cultural desse processo.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSCar. E-mail: rodriguessantos\_mateus@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSCar. E-mail: mazzinha@gmail.com.

Atentamos para a recuperação crítica das teorias raciais, de modo geral, e do lusotropicalismo, em particular, dentro do contexto da coletânea, no sentido de constatar a centralidade da linguagem, evidenciando o discurso como instrumento de dominação e imposição de referências. Assim, se historicamente o conceito de raça foi articulado pelos saberes dominantes para efeitos práticos, como opressão e subjugação, temos como resistência, práticas e discursos que atentam aos enunciados múltiplos, cambiantes, visando desestabilizar noções já estáveis na antropologia. Dessa forma, se a distinção entre natureza e cultura estaria, por um lado, contida no conceito de mestiçagem e sincretismo, por outro, a noção de raça transcende e coloca tal distinção à prova, afinal, ela é culturalmente constituída, a partir de marcadores fenotípicos que carregam atributos sociais.

A crítica e apresentação de alternativas às ideias de sincretismo e mestiçagem. são demonstradas nos contextos etnográficos da coletânea a partir da multiplicidade de lugares e modos singulares de existência que eles representam. Os autores indicam que os ambientes de suas respectivas etnografias, não operam na lógica clássica de sincretismo e mestiçagem pois não produzem uma síntese ou homogeneização cultural quando diferentes agentes culturais se encontram, pelo contrário, tornam-se possíveis a partir dessas diferenças, atuando, portanto, de modo contracolonialista: contra, como um posicionamento que marca não só oposição e rejeição, mas, sobretudo, resistência. Neste sentido, efetivamente, os ensaios representam etnografias da contramestiçagem e do contrassincretismo.

É o que temos no texto de Bárbara Cruz que abre a coletânea (pp. 23-40), ao argumentar que a noção de miscigenação se colocaria para a mistura biológica e racial, enquanto o sincretismo se referiria aos processos culturais e religiosos, demonstrando como o binômio natureza e cultura são forjados para descrever o dito entrelaçamento étnico-racial à luz das teorias de construção da nação, ecoando nas ideologias nacionalistas com terminologias diversas: hibridismo, mestiçagem,

multiculturalismo, crioulização, dentre outros (p.24).

Cabe apontar para as possibilidades postas dentro dos estudos canônicos ocidentais sobre miscigenação. Informada como indesejável num primeiro momento, celebrada em outros, a mistura pressupõe, em ambos os casos, a unidade. É nessa chave que o tema da monocultura para pensar a finalidade das *plantations* e o projeto sociopolítico de sincretismo e mestiçagem, proposto no artigo de Gabriel Holliver (pp. 218-233) é instigante: na medida em que a associação entre sistemas agrícolas e teorias da unidade nacional ajudam a pensar os projetos de padronização e melhoramento genético presentes nos modelos agrícolas e também sociais. Em ambos os casos, o objetivo é minar toda a variabilidade presente, reduzindo a multiplicidade, seja da paisagem, sejam das manifestações de resistência à unidade nacional.

As *Outras Histórias* vão nos apontar vivências contemporâneas em seus respectivos espaços que se relacionam ora com questões sociopolíticas atuais globais, ora com as específicas de cada localidade em que estão inseridas, ou ainda com situações que herdaram o processo de colonização e com relações e confrontos étnico-raciais oriundos desses momentos históricos. Mais que interlocutoras, as pessoas que vivem e tecem os contextos etnográficos, são compreendidas como perspectivas afroindígenas, dotadas de gramáticas e epistemologias próprias, constituindo assim, contranarrativas em relação às teorias antropológicas clássicas, desafiando os pesquisadores envolvidos a realmente ouvi-las e aprender com elas. Os encontros de forças descendentes de indígenas e africanos presentes no livro exemplificam essa atuação, colocando temas e noções clássicas da antropologia sob as demandas que estas pessoas enunciam e não aos que tradicionalmente inferimos, favorecendo a “tradução cultural” (p.18), como aponta José Carlos Gomes dos Anjos no prefácio (pp. 15-20).

Ainda, as situações vivenciadas são apresentadas como “africanas”: não em sua origem, mas no sentido de carregar “*marcas* de uma experiência africana que se desenvolveu [...] tanto em

terras situadas no continente africano quanto no americano” (GOLDMAN, 2021, pp.10-11, grifo do autor - na apresentação do livro). Essas situações africanas referem-se às relações constitutivas e constituintes do cotidiano e da resistência dos e nos quilombos, às religiões de matrizes africanas e indígenas, assim como às disputas por (contra)narrativas nacionalistas.

A composição das identidades desses interlocutores também é lida por suas perspectivas: longe de subjetividades individuais ocidentalizadas, encontramos identidades marcadamente políticas que se contrapõem ativamente aos ideários de nação e a processos de embranquecimento e homogeneização. Como coloca Gustavo Fialho em seu ensaio (pp. 135-149) sobre a composição em torno da denominação quilombola: “um povo que é um mas que se compõe de vários. E isso não somente por exercício da memória, mas pelas possibilidades de criação que a atualização desses encontros produz” (p.148). O mesmo pode ser dito sobre os outros povos trazidos na coletânea.

Essas cosmovisões também tensionam o presente: tratam de ancestralidades por um lado e genética, ligando-se à descendência, por outro. Para os Fulni-ô trazidos por Ellen Araújo (pp. 201-217), por exemplo, é preciso ter uma quantidade de sangue indígena para que alguém possa ser considerado como tal, mas a substância parece ser menos importante por sua função de transmissão fenotípica e mais pela possibilidade de evidenciar a relação de continuidade no tempo entre aqueles que vivem no presente e seus ancestrais. Em todos os casos, não se trata de uma volta à África ou de alguma situação ideal anterior, mas desencadear suas potências e construir alternativas como uma via possível de descolonização da vida e de construção de mundos.

As relações com a terra também são temas que aparecem nos artigos. O território é de extrema importância para as comunidades quilombolas e indígenas, tantas vezes desterritorializados e reterritorializados ao longo de suas trajetórias. A terra não somente é um local de produção e reprodução material desses povos, mas também é lugar de pertencimento, identidade, encontro da memória e ancestralidade repassada entre gerações. A terra assume duas importâncias: a

existencial espiritual e a existencial física. A física assume um direito político e econômico por vezes agenciado na composição, nomeação e reconhecimento dos povos.

Se em *Outras Histórias* são mobilizados temas clássicos da antropologia que ressoam na contemporaneidade, a coletânea também propõe reflexões a partir de conceitos analíticos<sup>3</sup> formalizados mais recentemente, muitas vezes em função de desestabilizar as definições consagradas de mistura, mestiçagem e sincretismo, acentuando o confronto a essas temáticas no conjunto da obra:

Um deles envolve a ideia de *cosmopolítica*, que, grosso modo, procura levar em conta a composição do cosmos a partir das interações entre os seres, para além das relações unicamente humanas e de diferentes esferas de conhecimento, para propor intervenções<sup>4</sup>. Relaciona-se aos textos de: Luis Álvarez (pp. 59-76) ao explorar encontros de forças heterogêneas que desejam dar voz às existências dos envolvidos nas práticas e saberes ancestrais de religiões afro-cubanas e movimentos sociais afro-colombianos, que não resultaram em mera “mistura” ou retomada de uma prática cultural originária, mas sim, inauguram uma nova conexão com tais práticas, dissipadas anteriormente pelo processo violento da colonização (p.66); e de Luiza Flores (pp. 116-134), pois em seu campo acredita-se que tudo que ocorre no mundo integra a “espiritualidade” e a “guerra cósmica”, ou seja, procura interpretar e conceber o mundo como constituído de conexões heterogêneas entre “seres” e “forças” (espirituais) e segmentos do mundo físico;

A “retomada espiritual” descrita por Lucas Marques (pp. 77-96) se dá por uma prática similar, ao ser possível sua execução pela agência de “pessoas, deuses, políticas e práticas” (p.77),

---

<sup>3</sup> Embora não seja comum em resenhas, vamos indicar em notas de rodapé as obras que inauguram ou tratam com mais rigor estes conceitos, devido à impossibilidade de dar esse tratamento neste espaço.

<sup>4</sup> LATOUR, Bruno. “Qual cosmos, quais cosmopolíticas? Comentário sobre a proposta de paz de Ulrich Beck”. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 69, pp. 424-441, abr. 2018 e STENGERS, Isabelle. “A proposição cosmopolítica”. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 69, pp. 442-464, abr. 2018.

remontando a algumas considerações sobre *ecologia das práticas*<sup>5</sup>, que consiste na defesa da construção de pensamentos diversos em conjunto, para ações pragmáticas sobre determinadas circunstâncias. Já a proposta de Kauã Vasconcelos (pp. 168-183) de analisar a divergência como elemento de “restrição criativa” (p. 169), leva em conta o paradigma *eto-ecológico* (p. 183): uma complexa relação interdependente entre as práticas dos seres na/com a superfície em que residem;

Natalia Velloso (pp. 234-250) aponta a mestiçagem para jovens cabo-verdianos como um elemento que caracteriza os encontros, e para explicá-la traz a noção de *reclaim*<sup>6</sup>: longe de buscar uma origem identitária perdida, trata-se de reativar potencialidades das forças criativas de territórios que sofreram com a exploração das sociedades modernas, permitindo novas criações e múltiplas conexões a partir de processos históricos, negando a perspectiva de uma história única e universal.

Não só estes, mas todos os contextos trazidos no livro tratam de cosmovisões e modo de intervenção na realidade que articulam diferentes paradigmas e práticas, pensando em fazer vida na iminência de uma história catastrófica e violenta marcada por escravizações, genocídios e colonialismo: são possibilidades postas nas fronteiras da história da modernidade ocidental. Sendo assim, estes ensaios corroboram a ideia de que as perguntas-chaves sobre as crises não partem efetivamente de dentro da academia, mas de espaços epistêmicos criados a partir da multiplicidade de conhecimentos e saberes *outros*, subalternos, e de tendências críticas vinculadas a esses.

Neste sentido, como aponta Anjos no prefácio, estes artigos auxiliam na energização da disciplina antropológica ao trazer essas diferentes realidades e cosmovisões em contraponto “às formas colonialistas de pensamento” (p.17). É preciso ressaltar, no entanto, que tais formas de pensamento não são ordinariamente superadas, e sim deslocadas, tendo em vista que é dado

<sup>5</sup> STENGERS, Isabelle. “Notas introdutórias sobre uma ecologia das práticas”. In: BASTOS, V. (coord.). *Artecompostagem*’21. São Paulo: UNESP, 2021. pp. 09-26.

<sup>6</sup> STENGERS, Isabelle. “Reativar o animismo”. Trad: Jámille Pinheiro Dias. In: *Cadernos de Leituras*, n. 62. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017.

espaço para novas formas de pensar e articular as diferenças, para além do sentido unívoco que o pensamento ocidental persegue em nome de seus ideários sintetizantes e homogeneizantes como muito atua as noções de mestiçagem e sincretismo.

Por fim, a obra não ignora o papel da intelectualidade na produção de críticas às narrativas dominantes em torno do encontro das três raças e dos processos de mestiçagem, mas evidencia que pessoas que produzem conhecimento fora dos modelos universitários se utilizam de formas sofisticadas para pensar e trabalhar com as diferenças: não herdeiros da modernidade ocidental (p.17), convivem com outros regimes de visibilidade e outras narrativas sobre encontros, misturas e diferenças.

### Referências bibliográficas

LATOURE, Bruno. “Qual cosmos, quais cosmopolíticas? Comentário sobre a proposta de paz de Ulrich Beck”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 69, pp. 424-441, abr. 2018 e STENGERS, Isabelle. “A proposição cosmopolítica”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 69, pp. 442-464, abr. 2018.

TENGERS, Isabelle. “Reativar o animismo”. Trad: Jamille Pinheiro Dias. In: *Cadernos de Leituras*, n. 62. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017.

STENGERS, Isabelle. “Notas introdutórias sobre uma ecologia das práticas”. In: BASTOS, V. (coord.). *Artecompostagem’21*. São Paulo: UNESP, 2021. pp. 09-26.

*Recebido em: 30 de abril de 2023*

*Aceito em: 15 de setembro de 2023*